

Data: 16-10-2016

Título: Luciana Fina | Terceiro Andar | 21 Outubro a 23 Janeiro

Pub:



Tipo: Internet

Secção: Cultura

CULTURA

Luciana Fina | Terceiro Andar | 21 Outubro a 23 Janeiro

Museu Calouste Gulbenkian – Coleção Moderna

| Publicado 16 Out, 2016, 12:23



Pela primeira vez, a [Fundação Calouste Gulbenkian](#) associa-se ao [Doclisboa](#), apresentando, a partir de 21 de outubro, um [ciclo de filmes](#) e uma instalação da autoria da cineasta Luciana Fina.

Fundação Calouste Gulbenkian / Doc Lisboa

21 Outubro a 23 Janeiro

Entrada livre (com levantamento de bilhete)

Museu Calouste Gulbenkian – Coleção Moderna (antigo CAM-JAP)

Luciana Fina

Terceiro Andar

díptico, 27 min, projeção contínua

Data: 16-10-2016

Título: Luciana Fina | Terceiro Andar | 21 Outubro a 23 Janeiro

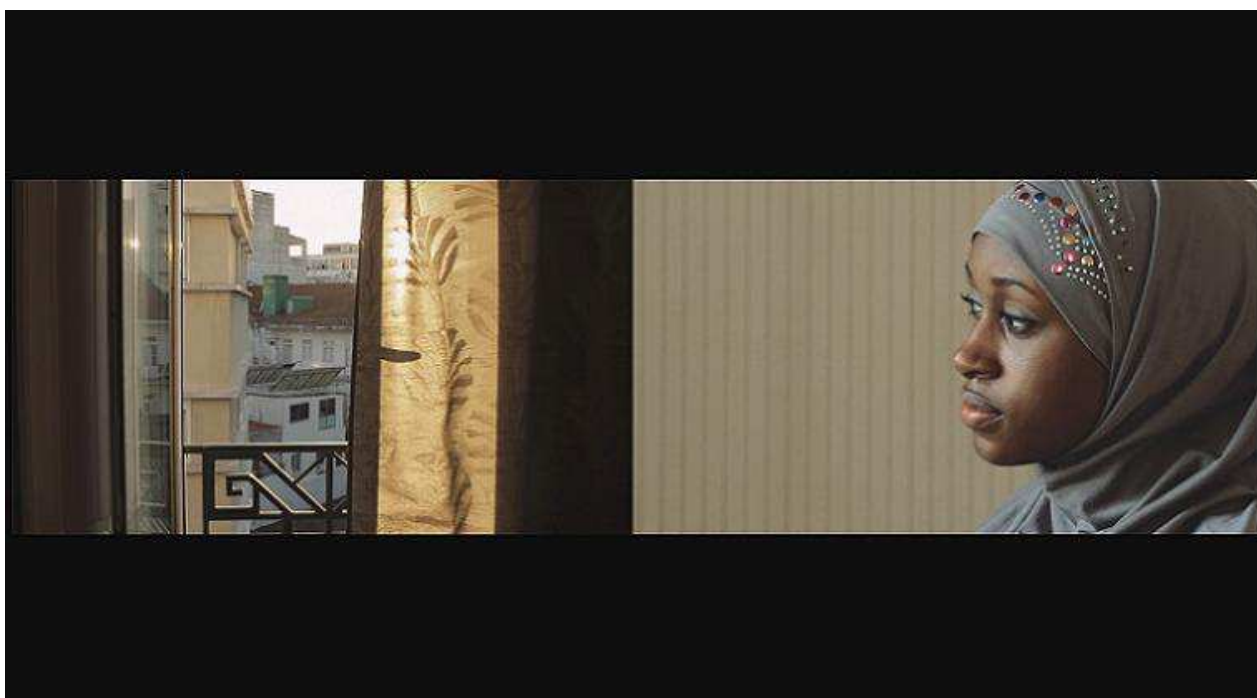
Pub:



Tipo: Internet

Secção: Cultura

Lisboa, Bairro das Colónias, terceiro andar. Transmitindo e traduzindo o cruzar sensível de diversos universos, Fatumata e Aissato dialogam sobre o amor e a construção da felicidade. Narrativas e línguas adquiridas em etapas da vida e lugares distintos foram determinando os seus sentimentos. Pelas 19 horas, do terceiro até ao meu quinto andar, ressoa pelo prédio um som regular, sempre igual, como o bater do coração. (Luciana Fina)



Composta por um díptico - duplo ecrã em projeção contínua -, a instalação **Terceiro Andar** reflete o trabalho de uma artista que tem vindo a transpor a sua obra das salas de cinema para as salas de exposição.

Trazendo o espectador para o espaço da palavra e do diálogo entre a mãe e a filha primogénita de uma família numerosa originária da Guiné-Bissau, e para o espaço sonoro e plástico de um prédio do Bairro das Colónias onde esta família e a cineasta habitam, é proposto com este trabalho uma reflexão alargada sobre várias questões, sobretudo afetivas, a partir do diálogo entre as duas mulheres.

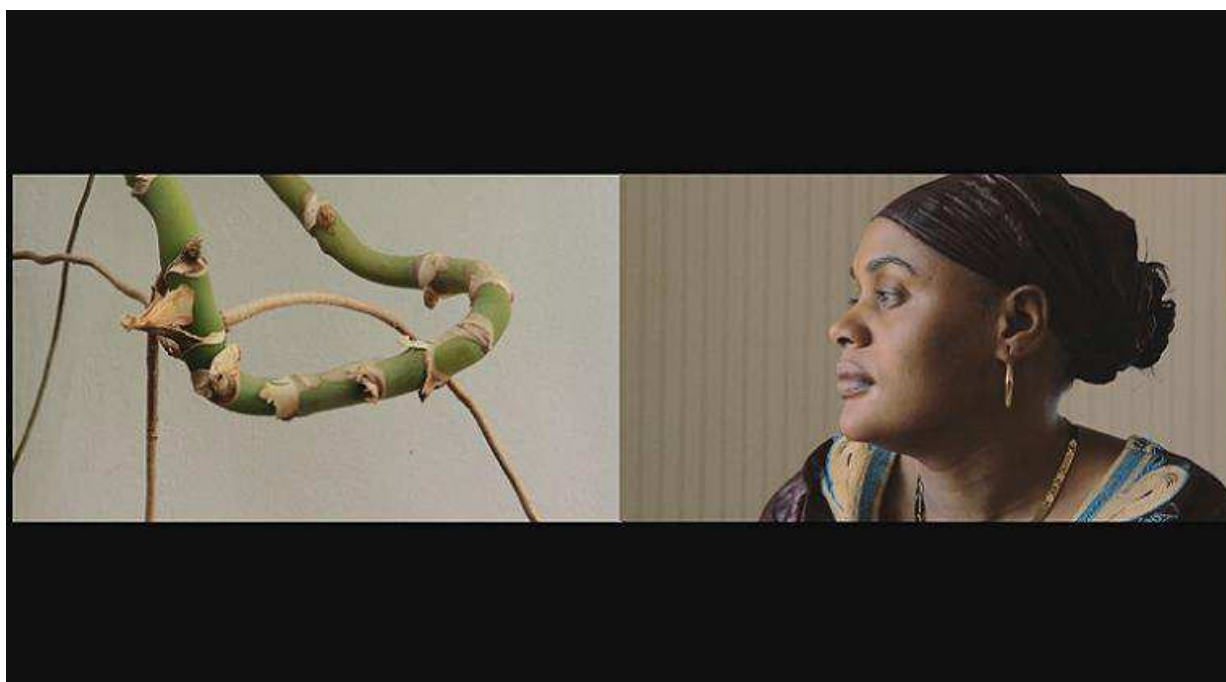
Neste espaço sonoro e plástico de um terceiro andar, mãe e filha dialogam sobre o amor e a construção da felicidade. A filha traduz a língua da mãe e ao traduzir interpreta os seus discursos. No suceder-se de um poema, de um conto, de uma carta e uma reza, as palavras transitam de uma língua para a outra, de uma detentora para a outra, criando ligações. As narrativas e línguas adquiridas em várias etapas da vida, e em lugares distintos, determinam os sentimentos. O som sobe as escadas e os patamares, atravessa as paredes, as portas e os corredores, ocupa as casas e as varandas e percorre todo o prédio em toda a sua complexidade e permeabilidade.

ID: 5633950

Terceiro Andar funciona como um jogo entre movimento e ponto de vista, a partir de dois eixos: um horizontal que mostra a relação entre mãe e filha e que compõe espacialmente a atividade de traduzir – transportar, de um ecrã ao outro, as palavras, os olhares, as histórias; e um eixo vertical, dos movimentos de câmara, das escadas do edifício, das raízes das plantas que caem do último andar, aquele onde habita Luciana Fina. Como se a verticalidade introduzisse o tempo no espaço da instalação, o desejo de cinema no espaço do duplo ecrã, ao mesmo tempo que insinua e materializa a relação entre a artista e as duas mulheres, entre o olhar reflexivo, lento, e a vida quotidiana na sua máxima sensibilidade.

Uma série de palavras ditas, às vezes em *off* outras em *on*, vão complexificando e dando corpo ao jogo câmara/ponto de vista – o som das palavras que se escutam e o significado que se aprende a seguir; o som do sentido, o rosto que o transmite e o recebe. A tradução recupera o seu sentido mais profundo – uma atividade onde o afetivo e político são indissociáveis – e torna-se, ela mesma, em ponto de vista.

Com a dupla projeção de **Terceiro Andar**, migrando para o espaço expositivo, Luciana Fina ensaia mais um gesto cinematográfico que interroga as formas narrativas e a matéria do cinema



Um prédio no Bairro das Colónias em Lisboa, uma mãe e uma filha, as raízes aéreas de uma planta tropical que, do piso superior, atravessam o vão das escadas do edifício. As raízes são a malha vertical que, coadjuvada pela horizontalidade dos dois ecrãs de Luciana Fina, tece uma preciosa narrativa que conta de gerações, culturas, línguas, de relações e de afectos. Fatumata e Aissato são a mãe e a filha mais velha de uma família numerosa originária da Guiné-Bissau. Fatumata e Aissato falam, dialogam; a filha traduz a língua da mãe e ao traduzir, interpreta discursos de amor e felicidade. As raízes do quinto

Data: 16-10-2016

Título: Luciana Fina | Terceiro Andar | 21 Outubro a 23 Janeiro

Pub:



Tipo: Internet

Secção: Cultura



andar onde vive Luciana descem ao terceiro andar de Fatumata e Aissato, invadem o espaço de exposição e espalham-se como rizomas, encontrando correspondências e ligações que atravessam todo o festival. ([Davide Oberto](#))

Ficha técnica

Uma instalação de Luciana Fina; com Fatumata Baldé e Aissato Baldé; Imagem: Helena Inverno, Rui Xavier; Som: Olivier Blanc, Miguel Cabral; Montagem: Luciana Fina; Desenho Maquinaria: Marcello Urgeghe; Colorista: Marco Amaral; Mistura de som: Tiago Matos; Assistente: Rui Silveira; Apoio à produção: BEST Patrícia Faria; Assessoria de gestão: Paula Varanda; Assistente de produção e gestão: Elsa Sertório; Produção: LAFstudio; Produtor associado: TERRATREME; Apoio: Fidelidade Property | Balleteatro; Apoio equipamentos: Ricochete Filmes | Screen Miguel Nabinho | Cineset; Projeto financiado por DGARTES Governo de Portugal | CML Câmara Municipal de Lisboa.

Agradecimentos: Manso Baldé e família Baldé, inquilinos e vizinhos do prédio, Ana Fontoura, Anil Jaintilal, Carla Bolito, Cristina Fina, Entre Imagem, Espaço Mira, Filipe Pereira, João Ribeiro, Karyna Gomes, Lidia Apa, Luísa Homem, Miguel Nabinho, Odete Semedo.



[Luciana Fina](#) nasceu em Itália e trabalha em Lisboa desde 1991. Após uma longa colaboração com a Cinemateca Portuguesa como programadora independente, estreia-se no cinema em 1998. Desde então, tem desenvolvido um trabalho que migra frequentemente da sala de cinema para o espaço de exposição, investigando as possibilidades do Cinema no campo das Artes. A partir de 2003, cria a série de retratos fílmicos reunidos no projeto “O Tempo de um Retrato”. Tem apresentado internacionalmente o seu trabalho em festivais e exposições. O seu mais recente documentário, “In Medias Res”, recebeu uma Menção Honrosa do Temps d’Images Film on Art Award e o Prémio Melhor Filme Nacional do Arquiteturas Film Festival.